

## OS TUTUALENSES (TUTUALA-RATU) DE TIMOR-LESTE E AS GRUTAS ÍLI KÉRE KÉRE: BREVES APONTAMENTOS

## THE TUTUALANS (TUTUALA-RATU) OF EAST TIMOR AND THE ÍLI KÉRE KÉRE CAVES: BRIEF NOTES

Sabina da Fonseca  
Vicente Paulino

Professora do Departamento do Ensino de Língua Portuguesa da UNTL.

Professor Convidado do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL.

Submetido: 30 de maio de 2017

Aceito: 18 de setembro de 2017

Publicado: 17 de novembro de 2017

# OS TUTUALENSES (TUTUALA-RATU) DE TIMOR-LESTE E AS GRUTAS ÍLI KÉRE KÉRE: BREVES APONTAMENTOS

Sabina da Fonseca<sup>1</sup>

Vicente Paulino<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo pretendemos apresentar descritivamente alguns breves apontamentos sobre a existência de Tutuala enquanto território pertencente a Timor-Leste, que está a ser habitado por um clã chamado ‘Tutuala-ratu’, e a sua ligação com as grutas de Íli Kére Kére. Precisamos compreender a etimologia de Tutuala linguisticamente, que de forma alguma associa-se ao sentido metafórico na sua identificação. Pretendemos refletir, também, sobre as grutas e pinturas como lugares de memória, incluindo o processo de realização do *barlaque* na região dos fatalucos.

**Palavras-chaves:** Tutuala; tutuala-ratu; Íli Kére Kére; Timor-Leste; barlaque.

## THE TUTUALANS (TUTUALA-RATU) OF EAST TIMOR AND THE ÍLI KÉRE KÉRE CAVES: BRIEF NOTES

**Abstract:** In this article we intend to present briefly some notes about the existence of Tutuala as a territory of East Timor, which is inhabited by a clan ‘Tutuala-ratu’ and its links with the caves of Íli Kére Kére. We need to understand the etymology of Tutuala linguistically, which in no way is associated with the metaphorical meaning in its identification. We also intend to reflect on caves and paintings as places of memory, including to the process of realization of the *barlaque* culture in the fatalucos’ region.

**Keywords:** Tutuala; tutuala-ratu; Íli Kére Kére; East Timor; barlaque.

### SOBRE TUTUALA

Tutuala é um dos postos administrativos do município de Lautém, situado no extremo oriental de Timor-Leste. É uma pequena vila denominada ‘Nova Sagres’ de Portugal de então. Esta região é composta pelos sucos de Mehara, Tutuala Vila e Muapitine. O primeiro é constituído por três aldeias: Loiquero, Porlamano e

<sup>1</sup> Professora do Departamento do Ensino de Língua Portuguesa da UNTL.

<sup>2</sup> Professor Convidado do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL.  
<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.2.103>

Poros; o segundo é constituído por quatro aldeias: Ioro, Pitileti, Tchailoro e Vero<sup>3</sup>. Todavia, estes três sucos são classificados como lugares dinâmicos de *making a living* (McWilliam & Traube, 2011, p. 221) entre planície e florestas.

De acordo com o censo de 2004, o total da população era de 3,707 habitantes, sendo o *fataluku* a sua língua de comunicação diária, enquanto o *Lovai-epulo* é a língua de literatura e de tradição, estando praticamente em vias de extinção. Segundo McWilliam & Traube (2011, p. 64), as principais áreas da língua *fataluku* estão localizadas na região de Tutuala, Lautém e Fuiloro.

Etimologicamente, Tutuala é constituída por duas palavras: *tutu* – coluna e *hala* – única que, no sentido metafórico, é o ‘lugar único’, ou ‘lugar único de último repouso’. Ou seja, metaforicamente, ela é a ‘cabeça da terra’ e o Kupang é o ‘fim-da-terra’, que depois terá passado a ser Bobonaro<sup>4</sup>, sendo por isso chamada ‘última cidade timorense’ antes do ilhéu de Jaco. É ‘lugar dos heróis e dos artistas’ e também lugar de sonho dos homens, de contemplação e de reflexão de todos aqueles que partem e ficam. É, como dizia Ângela Carrascalão (2006):

(...) onde estão as famosas pinturas rupestres, como qualquer canto de Timor que se preze, tem magia... Ali, faz todo o sentido falar-se de magia especial. Está-se no princípio da ilha, na cabeça do crocodilo ...

É isso que foi anunciado por Manuel Ferreira no seu texto *Tutuala: Apontamentos Etnográficos*, publicado em 1951 na revista Seara:

Para lá da balisa de Fuiloro, a estrada serpenteia, vestida de sombras. A dois quilómetros, à direita, um caminho entre o mato leva-nos à primeira povoação, Poros. Adiante, alargar-se uma planície imensa, onde avulta a lagoa de Muapitine. Depois, alcandorada numa colina, surge a povoação de Mehara e, a seguir, a de Porlamano, que, com a de Poros, constituem o suco de Loiqueiro. De novo a estrada ondula, entre vegetação luxuriante. Na povoação de Tchailoro, já no suco de Tutuala, os nossos olhos abrangem os dois mares, o do norte e o do sul, ambos refulgentes de luz. Surge Vero, a aldeia mais pitoresca e, passada a povoação de Ioro, fica-nos à direita a picada para Tutuala e ilhéu do Jaco. Chegamos ao posto, no alto de uma montanha, donde se domina uma paisagem de sonho. Lá em baixo, franjando de espuma as arribas, ruge o

<sup>3</sup> Jornal da República, 2009.

<sup>4</sup> Seixas, 2006.

oceano. Ao longe, estende-se entre dois azuis, muito suaves, um rosário de nove ilhas. Wetar, Quissar, Leti, Roma e outras. (Ferreira, 1951, p. 211; cf. Paulino, 2011, p. 6).

Partindo dos pressupostos, permitimo-nos abordar relações existentes entre os *Tutuala-Ratu* de Timor-Leste e a gruta de *Íli Kére Kére* (escrita da montanha) e, eventualmente, a abordagem de tal relação começa com a perspectiva histórica, artística e a antropologia cultural, incluindo também a análise da essência do poder simbólico que esta gruta representa na vida dos *Tutuala-Ratu*. Neste breve apontamento, pretende-se utilizar as obras de António de Almeida, Manuel Ferreira e Ruy Cinatti como elementos necessários para estudar e estabelecer ligações históricas e culturais que conectam os *Tutuala-Ratu* com a gruta propriamente dita, cruzando também os apontamentos dos referidos autores com os nossos dados obtidos no terreno em agosto de 2012.



Figura 1 - ilhéu de Jaco vista da gruta Íli Kére Kére.

## GRUTAS E PINTURAS COMO LUGARES DE MEMÓRIA

Em 1962, Ruy Cinatti observou as primeiras pinturas rupestres das escarpas de Tutuala, em *Íli Kére Kére*, e da gruta de *Léne Hara*. As pinturas de Tutuala representam desenhos estelares e círculos raiados ou solares ou figuras antropomórficas representando os antepassados em cenas de luta ou de invocação dos espíritos. É também possível observar uma embarcação – barco de transporte de mortos e de antepassados – semelhante às que se vêem no cume das habitações típicas da parte leste da ilha de Timor. Entre 1963 e 1964, António de Almeida estudou as pinturas situadas na escarpa de *Suno Taraléu* – igualmente na região de Tutuala. Os desenhos, com motivos semelhantes aos de *Íli Kére Kére*, tinham um forte poder mágico para os naturais, de tal modo que ninguém ousava tocar nas pinturas, com medo de adoecer ou morrer.



Figura 2 – Pinturas rupestres. Escarpa de Suno Taraléu, Tutuala 1963-64.

## TUTUALA-RATU E ÍLI KÉRE KÉRE

Em Tutuala existem cerca de 24 clás ou *Ratu*. Os *Tutuala-Ratu* são considerados como ‘Senhores da Terra – *occawa mua*’ – em *fataluku* correto,

mua ocava (Miksic, Goh & O'Connor, 2011, p. 42). Segundo a tradição local, os clãs Tutuala-Ratu e Kati-Ratu originalmente falavam Makuvu; todos os outros clãs originários de fora de Timor, trouxeram com eles a sua própria língua durante a sua migração (Sarmiento, 2010, p. 243). Um clã foi identificado como sendo da província da região do sudeste das Molucas, na Indonésia.

Até a Segunda Guerra Mundial, os povoados – la'ata em fataluku – eram assentados em terras ancestrais no interior das florestas, das quais os habitantes dependiam para a sua subsistência. Muitas aldeias e vilas se estabeleceram ao longo das bordas das estradas ou ao longo da costa à data do período da ocupação portuguesa, e depois de 1945 e durante a ocupação indonésia. Terras altas das florestas na área de Tutuala eram habitadas pelos grupos ou clãs (Ratu) que incluíam os assentamentos murados e abertos (lata) e também cavernas (ve-raka) que abrigavam figuras ancestrais (McWilliam & Traube, 2011, p. 226). Segundo a lenda timorense, as pessoas falantes de fataluku acreditam que o ilhéu de Jaco, perto de Tutuala, é identificado pelos fatalucos como 'o chefe da terra', enquanto o resto da ilha constitui o corpo.



Figura 3 – descendentes do clã de Tutuala-Ratu

## PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO BARLAQUE NA REGIÃO DOS FATALUCOS

O processo de realização do barlaque na região dos falantes de *fataluku* tem as suas características próprias. Isto significa que “the basis of this is the agnatic groups (ratu) and affinal alliances. The agnatic groups are the family of origin groups which are maintained through the paternal line and the affinal alliances are created by marriages between ratus.” (McWilliam, 2007).

Se um rapaz gosta de uma rapariga da mesma região, os pais deste vão à casa da rapariga falar com os pais dela, isto é, para pedirem a mão da rapariga. Se o pedido for aceite, os pais da rapariga começam por apresentar o valor do dote da sua filha à família do rapaz, que pode variar entre dez, doze, vinte e cinco, quarenta, cinquenta ou setenta e sete cabeças de gado bufalino ou cavalos e brincos de ouro. Após uma mútua concordância, os pais da noiva entregam alguns grãos de milho aos pais do rapaz. As cores destes grãos podem variar, conforme o que representam. Os grãos pretos ou roxos representam búfalos; os amarelos representam ouro, e os brancos representam cavalos ou dinheiro<sup>5</sup>. Combina-se então a data para a oficialização do *hoponu* (pedido).

No primeiro encontro de oficialização do pedido, o noivo e os seus pais vão à casa da noiva. É um encontro apenas entre eles – noivo e seus pais, noiva e seus pais –, e que normalmente se chama *lita'm kesin vaiama'i*<sup>6</sup>, que significa que o rapaz só pertence àquela rapariga e não pode ter outra. No regresso o noivo e os pais levam carne de porco e duas a quatro peças de *táís*, de homem *lau-sekuru* e de mulher, *tupur-lau*. De acordo com a tradição do grupo etnolinguístico *fataluku*, não é permitido dar três coisas a ninguém. Aqui também é determinado o dia em que os pais da noiva vão à casa do noivo para o mesmo

---

<sup>5</sup> Isto prevalecia nos tempos ancestrais; nas duas últimas décadas houve redução quantitativa, oscilando entre os quinze e os trinta, podendo também algumas cabeças de gado ser substituídas por dinheiro. O processo de compra e venda da mulher não tem cabimento nesta cultura porque, em troca do dote oferecido pela família do noivo, esta também recebe, em retribuição, porcos, tais, colar (morteen em tétum, e *paia*, em *fataluku*) e arroz, equivalente ao valor do dote recebido.

<sup>6</sup> *Lita* é uma espécie de sacola feita de folhas de *akadiru* com uma corda onde os homens costumam trazer a tiracolo e onde guardam o tabaco e outros objectos de uso pessoal.

processo, que se chama *leu-moko'm kesin vaiamaí*<sup>7</sup>, que quer dizer que a rapariga é oficialmente noiva do rapaz, só pertence ao rapaz e não pode aceitar outro pretendente. Segue o mesmo processo, os pais da noiva dirigem-se à casa dos pais do noivo, normalmente sem ela nem a mãe, para a realização do mesmo e, no regresso trazem carne do cabrito que lhes foi servido em casa do noivo, mas que só comeram uma parte, trazendo a outra parte para os outros familiares.

José B. Rodrigues, em sua obra *Rei Nári* (1962, p. 109), refere-se à cerimónia *lipálu* à festa do casamento. Esta é a cerimónia de encerramento do barlaque, depois do *leura-isa* (assar a carne), em que a família da noiva, todos os irmãos e familiares mais próximos, munidos de tais e porcos, se dirigem à casa do noivo, onde também se encontram concentrados todos os familiares mais próximos para a entrega do dote combinado. Após algumas trocas de impressões, em que normalmente é utilizada a linguagem literária simbólica, geralmente paralelística, e se estiverem todos de acordo, começam a selar o contrato, matando um búfalo e alguns cabritos só para os familiares da noiva. Em contrapartida, os do noivo comem a carne do(s) porco(s) trazido(s) da casa da noiva.

Uma particularidade curiosa nesta cultura é a abstinência dos dois – o noivo e a noiva – e das mães de ambos. Consiste em abster-se de produtos do mar como peixe, algas, sal e frutos azedos, nomeadamente, citrinos, tamarindo e outros, bem como não comer da comida preparada para o evento. Esta abstinência começa desde os preparativos que consistem em *tchele-tuutee*, que significa *triturar o milho*, em casa do noivo; *Matchen-tafa* que é *pilar arroz*, em casa da noiva, até terminar a cerimónia do *leura-isa* e do *lipálu*.

Na cerimónia do *leura-isa*, quando os familiares da noiva se dirigem à casa do noivo, em casa da noiva também há concentração dos familiares que esperam o regresso dos que foram à cerimónia do *leura-nava* ou *leura-una*<sup>8</sup>, comer carne, além de se prepararem para receber os familiares do noivo.

É necessário reconhecer que as pinturas encontradas nas grutas e nas cavernas antigas são, de facto, representações de grandes animais selvagens, como cavalos, cervos, peixes, pássaros, barcos entre outros. As figuras humanas

---

<sup>7</sup> *Leu-moko* é uma espécie de cesto circular feito de folhas de *akadiru*, onde as mulheres guardam os objectos da masca. O *akadiru* é uma palmeira que cresce no litoral e donde se extrai a tuaca.

<sup>8</sup> Rodrigues (1962, pp. 109-110). Isto refere-se apenas a uma parte da cerimónia.



surgidas nas grutas de *Íli Kére Kére* e de *Léne Hara*, são muito comuns, com algumas representações de atividades diárias como a dança, a luta e, principalmente, a caça, que normalmente são apresentadas em desenhos esquemáticos e não de forma naturalista.

## REFERÊNCIAS

- Carrascalão, A. (2006). *A cabeça do crocodilo*. In: <http://timor2006.blogspot.com/2006/07/cabea-do-crocodilo.html>. Acesso em 12/10/2014.
- Cinatti, R. (1963). As pinturas rupestres de Timor. *Colóquio*, Abril, pp. 49 - 59.
- Ferreira, M. (1951). Tutuala I: Apontamentos Etnográficos. *Seara - Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli*, 5: 211-217.
- Jornal da República. (2009). *Diploma Ministerial 199/09*. República Democrática de Timor-Leste, Díli.
- McWilliam, A., & Traube, E. (2011). Land and Life in TimorLeste: *Ethnographic Essays*. Camberra: ANUPress. <https://doi.org/10.22459/LLTL.12.2011>
- McWilliam, A. (2007). Austronesians in linguistic disguise: Fataluku cultural fusion in East Timor. *Journal of Southeast Asian Studies*, vol. 38, nº 2, pp. 355-75. <https://doi.org/10.1017/S0022463407000082>
- Miksic, J. N., Goh, G. Y., & O'connor, S. (2011). *Rethinking cultural resource management in Southeast Asia: preservation, development, and neglect*. Anthem Press.
- Rodrigues, J. B. (1962). *O rei de Nári*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Sarmiento, C. 2010. *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues*. Cambridge: Cambridge Scholar.
- Seixas, P. C. (2006). *Desafios à construção da nação em Timor-Leste: traduzir tradições em situação pós-colonial*. In: <http://homepage.ufp.pt/pseixas/artigospub/timor/uma%20agenda%20para%20a%20reconstrucao%20socio--cultural.pdf>. Acesso em 15/11/2014.
- Van Heekersen, H. R. (1972). *The Stone Age of Indonesia*. Second Revised Edition. The Hague-Martimes Nijhoff. <https://doi.org/10.1163/9789004286917>  
[https://doi.org/10.26530/OAPEN\\_613383](https://doi.org/10.26530/OAPEN_613383)

Direitos Autorais (c) 2017 Sabina da Fonseca e Vicente Paulino



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)